



HISTÓRIA E MEMÓRIA EM *TERRA SONÂMBULA*, DE MIA COUTO¹

HISTORY AND MEMORY IN *TERRA SONÂMBULA*, BY MIA COUTO

Caroline Prestes Kelm Gusmão²

Genivaldo Rodrigues Sobrinho³

Artigo submetido em: 22 abr. 2021

Data de aceite: 24 jun. 2021

Data de publicação: 4 jul. 2021

RESUMO: No romance *Terra sonâmbula*, uma das mais importantes obras da literatura africana do século XX, o escritor Mia Couto apresenta o processo pós-colonial de Moçambique com suas várias culturas, tradições e lugares. O enredo conta com duas histórias em um único romance, a história do velho Tuahir e do jovem Muidinga e a história de Kindzu registrada em cadernos. O cenário da narrativa é de um território devastado por uma guerra externa, contra a colonização portuguesa que vai de 1965 a 1975. O presente artigo pretende apresentar alguns espaços territoriais e personagens que transitam por esse território de guerra, com seus papéis sociais dentro da narrativa fabulosa.

Palavras-chave: *Terra sonâmbula*. Literatura moçambicana. Contexto histórico.

ABSTRACT: In the novel *Terra sonâmbula*, one of the most important works of 20th century African literature, the writer Mia Couto presents the post-colonial process in Mozambique with their various cultures, traditions and places. The literary plot has two stories in a single novel, the story of old Tuahir and young Muidinga and the story of Kindzu recorded in notebooks. The scenario of the narrative is that of a territory devastated by an external war, against Portuguese colonization from 1965 to 1975. The present article intends to present some spaces and characters that transit through this territory of war, with their social roles within the fabulous narrative.

Keywords: *Terra sonâmbula*. Mozambican literature. Historical context.

¹ Texto orientado pelo Prof. Dr. Genivaldo Rodrigues Sobrinho, Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop-MT, Brasil.

² Mestranda do Curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop-MT, Brasil.
<http://lattes.cnpq.br/5999429625218520>

³ Doutor em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Professor do Mestrado em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop-MT, Brasil.
<http://lattes.cnpq.br/4228843925496426> / <https://orcid.org/0000-0002-1645-861X>



Acesse este artigo pelo QR Code:



INTRODUÇÃO

A obra literária *Terra sonâmbula* é publicada em 1992, mesmo período em que tem término a guerra civil de Moçambique, ex-colônia de Portugal. O desfecho do romance é elaborado retratando as necessidades de uma reconstrução civil dessa pátria. A narrativa literária fornece alguns elementos para uma melhor compreensão dessa sociedade e suas carências, estruturado pela disposição social dos personagens e pelos locais que os mesmos transitam. A obra não é apenas a mais famosa criação de Mia Couto, como também é considerada um dos melhores livros africanos do século XX.

O autor não fica apenas na abordagem externa relacionando o que está escrito no texto com o que está fora dele, mas ele mesmo vive o momento da história da guerra, uma vez que, morou em Moçambique. Filho de imigrantes portugueses, Antonio Emílio Leite Couto ou Mia Couto como ficou conhecido nasceu em 5 de julho de 1955, na cidade de Beira, Moçambique. *Terra sonâmbula* é o primeiro romance do autor moçambicano. No ano de 2016, o livro foi incluso como leitura obrigatória, juntamente com um conjunto do cânone literário, para seleção em um vestibular de uma das mais concorridas Universidades do Brasil, a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

O escritor é formado pelo ambiente, pelo meio e sua história tem uma relação intrínseca com todos os elementos abordados no romance. Ele visa captar a atenção de um público leitor do momento. Há uma denúncia em sua obra acerca do descaso para com a cidade e seus moradores resultado de duas guerras sangrentas que aconteceram na época, uma por sua independência nacional, outra pelo conflito interno de grupos armados que disputavam pelo poder político.



Esta literatura contemporânea é escrita em prosa poética e traz em seu enredo duas histórias em único romance, a história do velho Tuahir e do jovem Muidinga e a história de Kindzu retratada por seus cadernos, que são lidos pelos personagens da primeira história. O tempo que transcorrem as histórias não é determinado, porém a julgar pelo contexto parece acontecer dentro de dias. Por meio de relatos e rituais de alguns personagens há também um forte resgate das tradições africanas.

O neologismo é presente em todo o texto, uma característica marcante do autor. Ele traz novas palavras, a partir da junção de palavras já existentes ou atribui um novo sentido a essas palavras, como: **brincriação**, **sonâmbula**, **atarantonto**, **cambalihar**, **embriagordo** e mesmo em nomes próprios, como **Carolinda** e **Ruisinho**, como forma de aproximar o público leitor do cenário descrito e dos personagens.

A história dos dois personagens principais perpassa o contexto das guerras, as quais fizeram parte da formação de Moçambique. A história do jovem Kindzu tem como pano de fundo a guerra da independência nacional que ocorreu em 25 de junho de 1975 com ataques externos, já a história de Muidinga acontece no período da guerra civil, decorrente de conflitos armados entre dois partidos: a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) e a Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO). Segundo Macedo, tais forças políticas buscavam ou reconstruir a nação ou combater a maneira como era realizada essa reconstrução (MACEDO, 2015, p. 37).

O presente artigo tem por objetivo abarcar como o autor retrata a guerra civil que devastou a nação de Moçambique por 16 anos.

Os personagens são retratados como sobreviventes desse conflito armado que transitam por espaços físicos e sociais dentro de uma narrativa fabulosa. Mia Couto tenta retratar a cultura moçambicana com sua diversidade cultural por meio dos mitos, lendas e crenças africanas.

CONTEXTO HISTÓRICO, AUTOR E OBRA

As literaturas africanas de língua portuguesa “foram oferecidas na década de 1970, de forma pioneira como disciplinas optativas na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo” (PARDINI, 2012, p. 8). Por muito tempo tais literaturas não foram vistas como pertinentes ou relevantes para pesquisas acadêmicas. Em decorrência das várias lutas armadas pelas quais passaram os países de povos africanos que falam a língua portuguesa, pondera-se que há uma forte relação entre a literatura africana e a história e “embora cada país tenha suas especificidades, pode-se afirmar que o passado



colonial que os une possibilita uma leitura histórica e que a literatura não se equivocou de dialogar com essas características” (CIECOSKI, 2019, p. 525).

Para retratar o problema da guerra em Moçambique, Mia Couto escreve seu romance em prosa poética, estruturando-o em onze capítulos e mais onze cadernos e usa o gênero literário Realismo Fantástico, em que realidade, fantasia e sonho se misturam. Embora, conforme Candido, “a fantasia quase nunca é pura. Ela se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, etc.” (CANDIDO, 1999, p. 83). Ou seja, a ilusão pode ser concebida a partir de uma realidade distorcida da mente humana.

O cenário descrito no romance sofre várias transformações, seja porque a paisagem se move constantemente, seja porque seus personagens se deslocam no tempo e no espaço. Não só é apresentado um cenário como realidade social de um povo, o povo do próprio escritor, como também sua cultura, crenças, tradições, angústias, medos e sonhos.

O leitor é levado a um passeio o qual propõe a interação com a cultura sul africana por meio das páginas. O próprio título oferece um vislumbre do que poderá ser encontrado dentro da história, personagens andantes e paisagens inconstantes. Há essa transposição de espaço na obra literária, onde os personagens da primeira história: o velho Tuahir e o menino Muidinga, dormem avistando uma forma de paisagem e acordam com outra. “Lhe vou confessar, miúdo. Eu sei que é verdade: Não somos nós que estamos a andar. É a estrada” (COUTO, 1995, p. 165). O que é perfeitamente possível dentro da literatura.

Devido à guerra, as pessoas bem como a terra não conseguem descansar. Vivem em estado constante de alerta não dormem não tem paz, vivem sonâmbulos.

Conforme Pardini, acerca da cultura africana, “vale a pena lembrar, e talvez, sobretudo, a importância da literatura como agente de transformação social e como este papel crucial que também a mobiliza esteve sempre muito bem demarcado no cenário da literatura moçambicana” (PARDINI, 2012, p. 11).

A verossimilhança também é construída de forma tão lógica dentro do romance que é perfeitamente cabível, em dado momento, um anão cair no barco do personagem da segunda história, Kindzu. Em *Terra sonâmbula* essa realidade é aceitável, uma vez que, o gênero literário pertence ao realismo fantástico de narrativa fabulosa. Logo, não tem o compromisso de retratar a realidade como ela realmente é.

Porém, referente à produção literária de Mia Couto, apesar da narrativa ficcional a narrativa com seus personagens e lugares e espaços dialogam com um momento histórico determinado, o qual irá retratar sobre uma realidade social, no caso da presente obra a realidade de Moçambique. Sobre isso Rabello assevera que “adotando o romance, que é um gênero essencialmente europeu, Mia Couto consegue fazer dele uma expressão africana” (RABELLO, 2010, p. 65), ou



seja, o autor utiliza uma literatura criada pelo colonizador para descrever sobre a emancipação da colônia.

Acerca da escrita do autor, Pardini, traz que:

(...) em relação as situações vividas pelo escritor quando publicou suas primeiras obras e às relativas à sua inserção no cenário literário moçambicano, questões que envolvem a legitimidade “africana”, Mia Couto, quanto a isso, se remete novamente a uma experiência de leitura que não é restritiva na medida em que buscará em outros escritores (moçambicanos e não moçambicanos) as possibilidades de uma interlocução saudável e positiva. (PARDINI, 2012, p. 17, ênfase no original)

Pardini faz citação da opção do escritor por escolher autores nacionais e não nacionais que contribuíram ou ainda contribuem com suas obras, como João Cabral de Melo Neto, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Pessoa, para citar alguns e que moldam sua escrita e acabam por influenciar seus trabalhos. Portanto, suas obras literárias voltam-se para as condições que a população passa impostas por duas grandes guerras e o resquício que a antiga colônia portuguesa deixou, a língua. Sobre essas variações linguísticas, Pardini traz que o autor “inspira-se em tais desdobramentos linguísticos, transferindo-os para sua escrita literária, definindo desse modo, o que podemos entender como a sua proposta de uma ficcionalização da língua portuguesa (...)” (PARDINI, 2012, p. 18). Logo, vê-se uma riqueza de palavras no processo de criação dessa obra literária, chamado de neologismo, que demonstra a “inovação, a criatividade e a originalidade do autor” (VUKOVAC, 2017, p. 19).

A respeito do processo de composição de novas palavras, Vukovac discorre que:

No processo de formação de neologismos, Mia Couto respeita as regras da afixação de língua portuguesa e aproveita-se dos afixos mais empregados na língua para criar novas palavras que não “corrompem” a língua, no sentido de dificultar a compreensão de palavras, mas junta às palavras já existentes a afixos que normalmente não se usam em respectivo contexto para nos dar uma nova nuance do significado ou pelo menos uma nova dimensão fonética. (VUKOVAC, 2017, p. 23, ênfase no original)

As palavras são possivelmente criadas para que o leitor possa se sentir parte do ambiente e para que possa refletir sobre a riqueza da língua e da

cultura desse país africano apresentado por meio de *Terra sonâmbula* e que possa assim, interagir com a história e o povo moçambicano.

TERRA SONÂMBULA

O livro vai relatar duas histórias diferentes que ao final, de forma excepcional vão se entrelaçar. Na primeira história, o jovem Muidinga que perdeu a memória depois de comer uma mandioca brava é retirado de um campo de refugiados pelo velho Tuahir. Segundo Concato, “durante a guerra civil de Moçambique (1975-1992), as pessoas perderam as referências identitárias, foram destituídas de suas casas, de seu espaço de pertencimento, perambulavam pelo país em busca de sobrevivência” (CONCATO, 2017, p. 81). Os dois personagens passam a fugir da guerra ao mesmo tempo em que Muidinga tenta encontrar seus pais e sua identidade. Boa parte da narrativa ocorre dentro de um ônibus incendiado, o machimbombo. O tema da morte aparece em vários momentos dentro da narrativa.

A segunda história é a do personagem Kindzu, retratada por meio de cadernos que ele escreveu e que são encontrados por Muidinga ao lado de um cadáver, ao encontrar os cadernos o jovem lembra-se que sabe ler. Conforme Concato, “Kindzu é um narrador *en abyme*, pois os cadernos contam sua história por meio de um narrador onisciente (o próprio Kindzu)” (CONCATO, 2017, p. 76). Nesses cadernos, o personagem relata a perda de familiares e amigos. Primeiro, Junhito, seu irmão mais novo desaparece, depois seu pai Taímo morre devido ao alcoolismo e sua mãe passa a ignorá-lo e a cozinhar para seu marido morto. E o amigo comerciante um árabe chamado Surendra Valá deixa a aldeia com a esposa, quando tem seu comércio incendiado. Ao procurar abrigo na antiga escola, descobre que seu professor e amigo havia sido assassinado. Depois de tantas perdas, Kindzu decide partir e se tornar um guerreiro naparama, um justiceiro.

O processo de independência do país é mencionado na obra no primeiro caderno de Kindzu, onde seu pai faz o anúncio do término dessa guerra e decide dar o nome do filho mais novo de Vinticinco de Junho (COUTO, 1995, p. 19). Conforme Ciecowski, a data de vinte e cinco de junho é uma forte evidência do dia da independência do país de Moçambique (CIECOSKI, 2019, p. 528).

A guerra vai aumentando dentro da narrativa, bem como o número de corpos estendidos pelo caminho. Casas e comércios são deixados para trás com suas paredes cheias de balas e as ruas são tomadas pelo mato. Os corpos dos mortos também são deixados pelo caminho e acabam se misturando com a paisagem. Além do conflito armado provocado pelo povo do próprio país, há a forte presença do colonizador representado pelo português Romão Pinto, que mesmo depois de morto continua assombrando os vivos. Oliveira traz essa presença, ponderando que:



Como em todos os colonialismos europeus, os portugueses, para defender seus interesses econômicos e para melhor controlar e dominar as populações africanas, impuseram-se ideológica e culturalmente, nas grandes cidades, nas zonas de maior interesse econômico e turístico. Tentaram, outrossim, sufocar a diversidade cultural e agudizar as contradições e as rivalidades entre os vários grupos étnicos, visando, dessa forma, a impedir a construção de qualquer manifestação nacional e tornar possível a simples ideia ou sonho de uma nação moçambicana. (OLIVEIRA, 2009, p. 103)

A autora aborda sobre a cultura do colonizado que é inferiorizada e suprimida pela cultura do colonizador, podendo ainda ser negada ao passo que é tida como desnecessária.

Segundo Maciel, “o estrangeiro dominava a língua escrita e esta era sua grande arma, uma forte estratégia de dominação” (MACIEL, 2011, p. 85). Vemos claramente a discriminação, violência e exploração do povo moçambicano pelo colonizador português na personagem de Romão Pinto, que abusou da filha adotiva em vida e na pós-morte continua explorando o povo moçambicano.

Oralidade e escrita estão presentes na obra para fazer um resgate da cultura do povo desse país. Na primeira história, Muidinga lê os cadernos para Tuahir e na segunda história Kindzu descreve sua história nos cadernos. Dentro da cultura africana tem-se muito forte a tradição da oralidade onde uma pessoa mais velha conta histórias dos antepassados aos mais novos. Em *Terra sonâmbula* vemos essa marca, pois sempre aparecem pessoas mais velhas fazendo relatos aos mais novos, uma exceção é o jovem Muidinga que conta as histórias dos cadernos para um homem mais velho.

Há uma grande importância estabelecida entre oralidade e literatura. Conforme Maciel, por meio da língua há a possibilidade de transmitir de uma geração para outra os valores, os princípios, as crenças e toda a história de uma geração, preservando e estabelecendo a cultura de um povo (MACIEL, 2011, p. 81). Como *Terra sonâmbula* é marcado por um contexto de guerra civil e nacional, das vozes do narrador e dos personagens há a possibilidade de materialização das vozes dos ancestrais que emergem como forma de rerepresentar e perpetuar a identidade cultural do povo moçambicano extraviada pelo colonizador durante o período colonial.

Acerca da questão da oralidade, Concato assevera que:

Percebe-se uma preocupação e um resgate de costumes que a tradição regional africana tem como forte característica, a partilha oral de tradições, histórias e conceitos buscados na fonte animista da sabedoria única do universo, não religiosa,

mas primordial, em que a natureza é o todo para onde tudo se volta – de onde tudo vem, cresce e se transforma, (re)tornando-se universo, natureza. Identificar as marcas da oralidade como um todo dentro de uma parte transforma a visão da narrativa, faz despontar descrições com seus graus associativos, estabelecendo dessa forma as relações de sentido. (CONCATO, 2017, p. 75)

A autora assevera que a contação de histórias é quem faz o resgate e a transferência das tradições dentro da cultura de uma geração para a outra, bem como irá fazer um relato dos espaços das localidades por meio de elementos da natureza trazidos nessas histórias.

O mar é um elemento que vai aparecer muitas vezes no decorrer da narrativa. Ele surge quando alguém morre e então são realizadas cerimônias fúnebres na água. Kindzu veleja pelo mar ao buscar um novo rumo para sua vida. Farida, com quem Kindzu tem um romance, se refugia em um navio em alto mar e espera que ele encontre seu filho desaparecido Gaspar, fruto de um abuso de seu pai adotivo Romão Pinto. Em muitas culturas, o mar está relacionado à representatividade de renovação, vida ou morte.

Acerca de outro elemento que percorre a história, o sonho, Rabello traz que “é interessante perceber como, desde o próprio título do romance, *Terra sonâmbula* põe em relevo a dimensão do sonho, da miragem, da inconsciência e da vigília, tão importantes dentro da construção textual” (RABELLO, 2010, p. 70). Oliveira também pondera que “sonhar é buscar refúgio para o sofrimento, é buscar esperança onde não há pistas que levem a ela, é ter a coragem de ousar buscar caminhos para suportar o tormento que parece não ter fim” (OLIVEIRA, 2009, p. 105). Assim, o sonho vai trazer para os personagens a expectativa de dias melhores.

Dentro da narrativa, existem ainda outros personagens: Nhamataca, amigo de Tuahir, acredita ser capaz de cavar um rio, porém é tragado por uma enchente; e Siqueleto, o único indivíduo que permaneceu em sua aldeia e, depois de pegar numa armadilha Tuahir e Muidinga, diz que os vai “semear”, pois “ele quer companhia, quer que nasça mais gente” (COUTO, 1995, p. 80). Porém, depois que descobre que o rapaz sabe escrever, pede-lhe que escreva seu nome em uma árvore:

Então ele mete o dedo no ouvido, vai enfiando mais e mais fundo até que sentem o surdo som de qualquer coisa se estourando. O velho tira o dedo e um jarro de sangue repuxa da orelha. Ele vai definhando, até se tornar do tamanho de uma semente. (COUTO, 1995, p. 84)

Neste trecho, é possível ver o realismo fantástico na obra. O autor traz uma narrativa fabulosa para discorrer sobre esperança, ele faz uma alusão à morte para relacionar a geração da vida, uma vez que, para haver o nascimento da planta deve haver a morte da semente. Nesse caso, o próprio personagem se torna do tamanho de uma semente como forma de dizer que a aldeia continuaria a existir.

Dentre tantas lendas da cultura africana, há ainda uma sobre a tradição de que não pode haver crianças gêmeas dentro da aldeia, pois o “nascimento de gêmeos é sinal de grande desgraça” (COUTO, 1995, p. 85). Ao nascerem gêmeas em uma tribo, pedem para a mãe matar uma delas e a expulsam. Mãe e filha passam a morar no mato onde são alimentadas por tia Euzinha, que mais tarde revela a Farida que na verdade sua irmã gêmea está viva. Por causa de uma drástica seca, levam a mãe de Farida para um ritual com o propósito de trazer chuva para a aldeia, mas ela não volta. Farida foge e é acolhida por um casal de portugueses, Dona Virgínia e Romão Pinto.

Surgem ainda as idosas realizando cerimônias sagradas para espantar os gafanhotos das plantações, porém o rito não poderia ser visto por nenhum homem. Ao perceberem que o jovem Muidinga presencia o ritual as velhas o violentam sexualmente e Tuahir explica que “a chegada de um intruso quebrou os mandamentos da tradição” (COUTO, 1995, p. 123-124). Temos também a personagem Carolinda, mulher do administrador Estevão Jonas, irmã gêmea de Farida e que também terá um caso com Kindzu. E Juliana Bastiana, uma prostituta cega, que indica Quintino como guia para levar Kindzu até um dos campos de refugiados onde possivelmente estaria Gaspar.

Nos últimos capítulos Muidinga e Tuahir encontram-se em um pântano e Tuahir começa a adoecer. Os dois descobrem uma canoa, que era do pai de Kindzu a qual leva seu nome, Taímo. O velho deita e pede para o menino o empurrar para a água, pois não quer morrer na terra.

Neste ponto, as duas histórias são unidas pelos cadernos. A narrativa termina com Kindzu tendo um sonho em que ele se transforma no guerreiro que almejava ser. “Me certifiquei: eu era um naparama” (COUTO, 1995, p. 144). Ele salva seu irmão Junhito e mais à frente encontra um ônibus queimado e diz ver o filho de Farida, Gaspar com seus cadernos nas mãos.

Por fim, pode-se concluir que o que havia sido proposto no início da narrativa acontece no final. Muidinga ao apoderar-se dos cadernos de Kindzu ganha uma consciência com um passado cheio de histórias, tradições e sonhos e acaba por construir uma identidade a partir do que lhe fora emprestado, os relatos de Kindzu. E Kindzu, encontra o filho de Farida, seu irmão Junhito e finalmente se torna um naparama para poder ajudar seu povo e acabar com as injustiças as quais presenciou.

Os cadernos, portanto, são o vínculo de ligação entre duas histórias em um movimento de vai e vem, que trazem personagens que

representam uma nação em reconstrução identitária. Um dos personagens, Muidinga, mediante as memórias emprestadas representa a aquisição de um passado cheio de histórias ao passo que o outro, Kindzu, cria expectativas de um futuro em meio a tantas perdas e sofrimentos.

CONCLUSÃO

O autor mediante a história de vida dos personagens e suas peculiaridades propõe uma aproximação entre leitor e obra que denota um envolvimento não apenas visual, mas psicológico à medida que as histórias se entrelaçam por meio do diálogo em um vai e vem no tempo. Apesar de haver partes ficcionais na trama, Mia Couto se preocupa com a veracidade histórica de seu país, Moçambique. Há uma apreensão de que os personagens se movam para que nesse movimento a vida se faça neles.

Por meio da narrativa de *Terra sonâmbula*, o autor busca não apenas retratar o contexto histórico dos dez anos de guerra anticolonial (1965-1975) e dos dezesseis anos de guerra civil (1976-1992) em seu país, como também resgatar a identidade de sua nação pós-guerra por meio das tradições culturais trazidas dentro das histórias narradas pelos personagens.

A guerra, que assolou o país, afetou direta ou indiretamente os personagens das duas histórias narradas: todos acabam envolvidos em contextos de perdas, seja de um ente da família seja da própria identidade. Também parecem ir de qualquer lugar para lugar algum, alimentando sonhos e contando histórias na expectativa de aplacar um pouco do sofrimento causado pela destruição. Porém, Mia Couto faz de forma engenhosa um resgate da cultura identitária do povo desse país por meio da tradição oral e escrita. Ao mesmo tempo em que ele tenta apresentar uma solução para os personagens principais envolvidos nessa trama, sensibiliza o leitor da condição dessa terra e dessa gente.

Assim, o escritor perpassa o romance com a expectativa de que será por meio da contação das histórias, dos sonhos, das tradições e das vivências pessoais e coletivas que será possível a reconstrução do país como nação livre.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. *Remate de males*, número especial, São Paulo, 1999, p. 81-89.



CIECOSKI, A. S. Terra sonâmbula: os caminhos da guerra civil de Moçambique através da obra de Mia Couto. *Eventos pedagógicos*, v. 10, n. 1, Sinop, jan./jul. 2019, p. 521-535.

CONCATO, C. A estrutura narrativa em Terra Sonâmbula, de Mia Couto. *Cadernos de pós-graduação de Letras*, v. 17, n. 2, São Paulo, jul./dez. 2017, p. 72-84.

COUTO, M. *Terra sonâmbula*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

MACIEL, L. R. M. B. da S. Vozes que retratam a história do povo moçambicano em Terra sonâmbula, de Mia Couto. *Cadernos CESPUC de pesquisa*, v. 1, n. 21. Belo Horizonte, dez. 2011, p. 80-88.

MACEDO, V. M. C. de. *Memórias, silêncios e intimidades: sobre a política contemporânea em Moçambique (1975-2015)*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

OLIVEIRA, A. M. A. dos S. As impermanências da paisagem em Terra Sonâmbula: sonho e resistência. *Revista do núcleo de estudos de literatura portuguesa e africana*, v. 2, n. 2, Rio de Janeiro, abr. 2009, p. 102-112.

PARDINI, A. B. *Terra sonâmbula, O último vôo do flamingo e O outro pé da sereia: letras do sonho, páginas da terra em Mia Couto*. Dissertação (Mestrado em Letras). Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

RABELLO, M. C. P. A construção da identidade em Terra Sonâmbula, de Mia Couto. *Revista Cadernos CESPUC de pesquisa*, v. 1, n. 21. Belo Horizonte, dez. 2010, p. 64-71.

VUKOVAC, V. *Neologismos em Mia Couto*. Dissertação (Mestrado em Letras). Departamento de Línguas Românicas, Universidade de Zagreb, Zagreb, 2017.

